

COLÉGIO LUZIA SILVA: práticas disciplinares, normatizações de gênero e relações de poder no contexto educacional do município de Jaguaquara-BA (1950-1980)

Recebido: 20/05/2022
Aprovado: 28/06/2022

Gabriel José
Brandão de Souza

Doutorando em História pela
Universidade Federal do Rio
Grande do Sul (UFRGS).

Wallace Sousa
de Moura

Mestrando em História pela
Universidade do Estado da
Bahia (UNEB).

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo estudar as relações de gênero no colégio interno católico feminino Luzia Silva no município de Jaguaquara, no sudoeste da Bahia, no período de 1950 a 1980, buscando analisar a influência e os valores históricos sociais do colégio no município, procurando compreender como se processava a educação proposta pela instituição e como ela preparava suas alunas para a vida em sociedade. Através das metodologias da Memória e da História Oral Pretendemos analisar as relações de poder existentes nesse espaço educacional buscando elucidar se as práticas educativas promovidas pela congregação Franciscana Imaculatina serviram para assegurar novos padrões culturais para as sujeitas envolvidas no projeto educacional desenvolvido na cidade.

PALAVRAS-CHAVE

Educação; Gênero; Poder.

A cultura escolar nos colégios confessionais para mulheres

No que tange o processo de escolarização de homens e mulheres no Brasil, ficou nítido que ao longo dos séculos, as práticas de ensino aplicado aos gêneros feminino e masculino no país se deram de maneira dual com claras especificações. O Brasil é uma nação marcada pelo Patriarcalismo engessado historicamente em nossa sociedade.

Quando se discute o acesso à educação formal, os homens receberam uma formação com alto grau cognitivo e às mulheres restava a educação para o aperfeiçoamento de sua rotina familiar (doméstica) dentro de instituições confessionais diante de profunda vigilância.

Para viabilizar o projeto de formação feminina, os colégios religiosos foram fundamentais no sentido de promover uma educação cristã onde a mulher deveria ser um exemplo de conduta através de práticas de coerção e silenciamento. Silva afirma que “o silêncio e o disciplinamento das condutas foram referências recorrentes para a caracterização da educação oferecida nos estabelecimentos de ensino confessionais.”¹

Por meio das práticas religiosas e pedagógicas, os colégios confessionais, enquanto estabelecimentos de ensino que viabilizavam as ambições da sociedade regida historicamente por homens, para o público feminino, acabaram sendo criados padrões de vivência e comportamento que foram apreendidos pelas sujeitas que transitavam dentro do espaço escolar definindo uma cultura escolar própria que seriam vivenciadas para além dos muros da instituição. Julia (2001) enxerga a cultura escolar como:

Um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem avariar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização).²

Para pensar as relações cotidianas no Colégio Luzia Silva, precisamos analisar a cultura desenvolvida naquele espaço a partir das práticas disciplinares, o fardamento utilizado e os valores perpassados que acabaram criando nas alunas, professores e demais sujeitos inseridos naquele espaço, novas formas de viver em sociedade.

Ainda sobre a cultura escolar na perspectiva histórica, Julia (2001) nos apresenta elementos importantes que precisam ser analisados para compreendermos os padrões delineados no micro

1 Samara Mendes Araújo Silva. *Ritos, rituais e rotina: educação feminina nos colégios confessionais católicos no século XX*. Curitiba: Educar em Revista, 2018, p. 67.

2 Dominique Julia. *A Cultura escolar como objeto histórico*. In: Revista Brasileira de História da Educação. Campinas, SP: Editora Autores Associados, nº 1. jan/jun, 2001, p. 10.

espaço da escola. Sobre a cultura escolar e suas especificidades, (JULIA, 2001, p.10) discorre que “Cultura escolar não pode ser estudada sem a análise precisa das relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém, a cada período de sua história, com o conjunto de culturas que lhe são contemporâneas: cultura religiosa, cultura política ou cultura popular.”

O interesse pelo estudo das culturas difundidas na escola acabou sendo um grande ganho para os historiadores e as historiadoras que pesquisam a história da educação e nesse sentido promoveu conquistas significativas para a História Cultural. Ao dar voz aos indivíduos que transitam nesse espaço, nos garante a problematização de novos temas e novas abordagens. Para Diana Vidal (2004):

Assim, os trabalhos que se debruçam sobre os sujeitos escolares (professores, alunos, diretores, inspetores etc.) e suas ações conformadoras e instituidoras das culturas escolares têm crescentemente utilizado categorias de gênero, classe, raça, etnia, entre outras como instrumental teórico metodológico para entender as ações e os lugares ocupados por esses sujeitos nas teias que envolvem e fabricam as culturas escolares (VIDAL, 2004, p. 152).³

Apartir dos postulados de Julia (2001), ao compreender a cultura escolar, teremos a possibilidade de analisar os saberes considerados importantes na formação das meninas jaguaquarenses e de regiões circunvizinhas e como os padrões culturais difundidos na escola, criaram formas de ver o mundo e de atuar em sociedade.

As instituições escolares e a cultura moldada nesses lugares acabam por desempenhar hábitos que são considerados válidos pela sociedade. Como essas instituições produzem uma cultura específica, por sua vez, ela penetra, molda e modifica a cultura da sociedade.

O autor nos mostra que a cultura escolar molda padrões de comportamento que acabam sendo inseridos no cotidiano dos indivíduos envolvidos no espaço escolar, espaço esse onde relações hierárquicas são construídas delineando, nesse sentido, poder. Quando abordamos os colégios confessionais católicos, a difusão desses padrões de culturas desenvolvidos na escola fica ainda mais evidente.

Ao analisarmos alguns episódios da rotina dentro do colégio confessional Luzia Silva, em Jaguaquara-BA, percebemos aspectos da cultura escolar desenvolvidas a partir do momento em que as freiras Franciscanas Imaculatinas iniciaram os trabalhos pedagógicos e evangelizadores naquele espaço. Todas as práticas de disciplinarização desenvolvidas delinearam marcas na formação e nas memórias daquelas que experienciaram de maneira direta ou indireta a rotina daquele lugar.

A sociedade ocidental, regida pelos modelos cristãos, via as escolas como um espaço onde o ensinamento de códigos sociais aos jovens garantiria a eles o conhecimento das práticas que seriam

³ Diana Gonçalves Vidal. *Culturas Escolares: estudo sobre práticas de leituras e escrita na escola pública primária*. Campinas, SP. Autores Associados, 2005.

fundamentais para a convivência harmoniosa entre os sujeitos e ao mesmo tempo o progresso. Esses códigos incluíam conhecimentos técnico-científicos obtidos através de preceitos morais, sociais, políticos, culturais etc.

Os colégios católicos que figuravam em maior número no Brasil na primeira metade do século XX foram responsáveis pela educação formal da população aqui residente. Trazendo o gênero feminino a essa problemática, o objetivo de instruir as mulheres, como foi discutido anteriormente, era integrá-las à formação de “um novo cidadão articulado com novos princípios patrióticos, morais, científicos e religiosos, cuja finalidade era que se tornassem esposas e mães adequadas e eficientes ao desenvolvimento da nação.”⁴

A instalação do Colégio Luzia Silva em Jaguaquara- BA

O Colégio Luzia Silva é uma instituição de ensino católica que foi instalada no ano de 1950 em Jaguaquara no sudoeste baiano pela Congregação Italiana Franciscana Imaculatina. A instalação da referida instituição está relacionada aos anseios das famílias abastadas católicas do município, uma vez que não existiam naquele momento, outras escolas que contemplassem os interesses desse grupo.

O projeto pedagógico e missionário desenvolvido pelas irmãs consistiu na formação das moças jaguaquarenses promovendo além do ensinamento das disciplinas do campo cognitivo, a prática do evangelho dentro de uma perspectiva cristã e moralizadora muito difundida no município no período.

Para tentarmos compreender as motivações para a vinda das Franciscanas Imaculatinas para o Brasil, além da proposta missionária e pedagógica desenvolvida por elas no Colégio Luzia Silva, é importante pontuarmos que em meados do século XIX iniciou-se um movimento de vinda de congregações estrangeiras para o Brasil. Dois elementos se combinam para explicar este movimento: a busca pela retomada de lugares políticos por parte da Igreja Católica, devido à perda de espaço das congregações docentes em alguns países europeus e a feminização do catolicismo ocorrida durante o século XIX na Europa.

A preocupação com o comportamento e com a honra da mulher fez dos conventos e das escolas religiosas locais ideais para as mulheres solteiras. As educandas aprendiam além das normas religiosas, noções de leitura, escrita e cálculo, entretanto é importante esclarecer que de qualquer forma, a função primordial das mulheres era serem boas mães e esposas, sendo estes estabelecimentos religiosos a única forma institucional de educação permitida ao sexo feminino, mesmo que a instrução não fosse algo pelo qual mulheres exclusivamente da elite se preocupassem.

Podemos considerar então, que a escolarização não foi percebida como um instrumento de

4 Samara Mendes Araújo Silva. *Ritos, rituais e rotina: educação feminina nos colégios confessionais católicos no século XX*. Curitiba: Educar em Revista, 2018, p. 120.

inserção feminina no meio público, já que a sociedade do século XIX concebia a mulher para o casamento, ou para a vida religiosa; práticas que precisavam de pouca ou nenhuma instrução escolar.

No século XX houve a manutenção do ideal feminino propagado socialmente de que a mulher deveria ser instruída para transitar no espaço doméstico. Em Jaguaquara, as famílias tradicionais buscavam uma solução imediata para a escolarização de suas filhas, pois além das questões éticas, religiosas e morais relacionadas à formação de boas moças de família, a história construída pelo colégio Luzia Silva estava associada, inicialmente ao benefício dessas famílias ricas na sociedade jaguaquarense.

As ambições da elite jaguaquarense estariam relacionadas diretamente ao ideal de progresso e prestígio que através da ampliação das atividades sociais na cidade e do movimento de uma “mocidade estudiosa”, garantiria de certa forma uma intensificação da vida comercial na cidade.

Em três de dezembro de 1949, seis irmãs missionárias da Congregação Franciscana Imaculata em companhia da supervisora geral Maria Teresa Gnerre e de alguns freis capuchinhos dirigiram-se ao porto de Nápoles- Itália para pegar o navio que partiria para o Brasil. Como destaca Farias:

A congregação franciscana foi criada na Itália, com o objetivo de “lutar contra as heresias, o espírito pagão e pela expansão do reino de Deus, através da caridade e da educação do sexo feminino”. Espalhou-se rapidamente por vários países da América, chegando ao Brasil em dezembro de 1949.⁵

Para a comunidade católica jaguaquarense, o ano de 1950 seria marcado por um acontecimento que mudaria a realidade educacional do município do sudoeste baiano de maneira significativa. Sobre esse episódio, Farias (2005) relata que na madrugada do dia 12 de janeiro daquele ano, na estação ferroviária de Nazaré, uma multidão de pessoas aguardava a chegada das seis irmãs missionárias italianas pertencentes a congregação Franciscana Imaculata.

As irmãs vieram da Europa com o objetivo de promover um projeto missionário e educacional dentro do município com o propósito de iniciar e coordenar os trabalhos em uma escola confessional católica além de trabalhar em serviços sociais na cidade. É importante salientar que esse foi o ponto de partida do trabalho missionário dessa ordem no Brasil.

Sobre as motivações para que as Franciscanas viessem para Jaguaquara, o bispo de Amargosa, Dom Florêncio Sisínio Vieira⁶, solicitou ao frei Egídio de Elcito, um dos primeiros

5 Lúcio Ribeiro Farias. *Uma história... Jaguaquara com outras histórias*. Salvador, BA: 2005, p. 57.

6 Dom Florêncio Sisínio Vieira (Jiquiriçá, 11 de maio de 1901- Salvador, 2 de outubro de 1994) foi um bispo católico brasileiro, o primeiro bispo da Diocese de Amargosa. Ingressou no Seminário Santa Teresa, em Salvador, em 1912, onde fez os estudos eclesiais, sendo ordenado em 30 de novembro de 1923, com especial permissão da Santa Sé por causa de sua idade. Como vigário atuou nas paróquias, de São Felipe (1923-1930), Amargosa (1930-1932) e Nossa Senhora da Penha no bairro Itapagipe em Salvador (1932-1942). Em 15 de abril de 1942 foi nomeado pelo papa Pio XII como primeiro bispo de Amargosa. Sua ordenação episcopal ocorreu na Catedral Basílica Primacial São Salvador em Salvador no dia 2 de agosto de 1942 sendo

capuchinhos⁷ a realizar um trabalho missionário de relevância no Brasil que procurasse por uma congregação religiosa que pudesse garantir a educação das jovens moças no município de Jaguaquara, uma vez que não havia nenhuma instituição que contemplasse os anseios das famílias abastadas católicas da cidade.⁸

Nesse período, Dom Florêncio estava focado em concretizar o projeto de criação de escolas confessionais para as moças de elite nas cidades da diocese e Jaguaquara estava incluída nessas pretensões.

O frei Egídio decidiu retornar à Itália e num encontro dos Capuchinhos em Nápoles, ao expor o motivo de sua viagem, conversando com o Frei Benjamin Gnerre, diretor do seminário seráfico⁹ de Nápoles, ouviu a sugestão de consultar a madre superiora da congregação franciscana, a irmã Maria Teresa Gnerre, irmã do frei Benjamin.

De acordo com Farias (2005), o projeto de mudança de país para realizar os trabalhos missionários sugerido pelo frei Egídio não foi aceito imediatamente pela madre Maria Teresa por achá-lo audacioso e difícil para a congregação naquele momento, as questões econômicas e a língua acabaram sendo os motivos mais significativos para o ceticismo inicial. Com cautela, a madre superiora fez consultas aos Bispos e, ainda, reuniões entre as freiras, que se apresentaram dispostas a apoiar e assumir o compromisso, mesmo diante de adversidades.

Entre as consultas realizadas, o apoio veio do Bispo de Lacedônia, D. Carullo que afirmou que: “É bom, é ótimo estender a ação da congregação também fora da nossa pátria a fim de dar aos seus membros o ensejo de saborearem algo da vida missionária, grande característica do Franciscanismo.”¹⁰

Nota-se com a fala do bispo que a proposta primordial da congregação seria a promoção de um projeto evangelizador pautado nos postulados de São Francisco¹¹. Assim entendemos que entre as

ordenado pelo primaz do Brasil D. Augusto Álvaro da Silva. Tomou posse na sede da diocese no dia 15 de agosto de 1942, no mesmo dia aconteceu a solenidade de instalação da nova diocese. Em vinte e sete anos no governo da diocese desenvolveu várias ações entre elas a criação do Seminário Diocesano. Criou várias paróquias, ordenou muitos padres e trouxe para a diocese várias congregações religiosas. Em 31 de janeiro de 1969 sua renúncia foi aceita pelo Papa Paulo VI. Após sua renúncia, mudou-se para o Carmelo da Bahia, onde viveu mais 22 anos quando faleceu em 1994. Seu corpo foi sepultado na Catedral de Amargosa.

7 É uma ordem religiosa da família franciscana, aprovada como um ramo da primeira ordem de São Francisco de Assis em 1517 pelo Papa Leão X. A ordem religiosa surgiu por volta de 1525, quando Matteo da Bascio, originário da região de Marche, na Itália, um Franciscano, se deu conta que a roupa vestida pelos Franciscanos não era do mesmo tipo que a vestida por São Francisco de Assis. Assim, ele fabricou um capuz pontudo e começou a andar como um itinerante.

8 *Congregação das Franciscanas Imaculatinas, região do Brasil, contribuição histórica*. Salvador, Bahia 1974.

9 Surgiu em 19 de março de 1893 com o título de “Instrução para os responsáveis pelas escolas Seráficas”, escrito pelo ministro geral Frei Bernardo de Andermatt. O primeiro objetivo é preservar o contágio do século e educar cristãmente as crianças que têm qualquer esperança de vocação religiosa, e o segundo propósito é a diligente instrução dos elementos que devem preceder os estudos das ciências.

10 *Congregação das Franciscanas Imaculatinas, região do Brasil, contribuição histórica*. Salvador, Bahia 1974, p. 56.

11 A lição mais significativa que São Francisco deixou para a humanidade está expressa na saudação que ele dirigia a todos que encontrava: “Pax et Bonum” – “Paz e Bem”. Quando chegava a alguma casa Francisco dizia “A paz esteja nesta casa” ou “O Senhor vos dê paz”.

práticas religiosas das irmãs, encontrava-se a filantropia com a ajuda aos mais necessitados. Luiza Gonzaga (2021)¹², relata que “Fazia parte da filosofia da Ordem Franciscana Imaculatina o amparo aos necessitados. Era a nossa missão atender às comunidades carentes, lhes amparar.”

Além das dificuldades que haveriam de enfrentar com as questões financeiras e o desconhecimento do idioma português, havia um número reduzido de freiras para executar as atividades no Brasil.

Mesmo diante das dificuldades apresentadas, houve um estímulo da Madre Superiora Maria Teresa para que as freiras prosseguissem com o projeto educacional e missionário e assim, elas seguiram a viagem com o propósito de fundar uma instituição educacional na Bahia.

Frei Egídio comprou as passagens com data para três de dezembro de 1949. Após a compra, vieram para o Brasil as freiras Antonietta Soricelli, Elisabetta Gnerre, Lucia Spinelli, Giuseppina Mariano, Mafalda Pepe e Angelarosa di Paola em companhia de Frei Egídio e outros cinco frades Capuchinhos, sendo Frei Egídio o responsável por orientá-las durante seis meses após a chegada em Jaguaquara.”¹³

Os freis capuchinhos se mostravam preocupados com a vinda das Franciscanas Imaculatinas para o país. De acordo com as informações encontradas no Livro de Tombo da Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora, os religiosos afirmaram que a decisão mais acertada seria encontrar uma congregação brasileira ou que, ainda que fosse estrangeira, já estivesse estruturada no Brasil, devido as possíveis dificuldades que encontrariam.

Antes de embarcarem para o Brasil, a madre superiora visitou o papa Pio XII que abençoou a missão das freiras, dizendo: “Oh! Ide! Ali há um imenso campo de trabalho; uma imensa seara de almas; extensões enormes abandonadas! Ide, pois, alegremente, levando a nossa larga benção a todas aquelas pessoas que de vós se aproximarem. (...)”¹⁴

Diante dessas considerações, que as freiras, os bispos e, até mesmo a autoridade máxima da Igreja Católica, o papa, visavam a vinda para o Brasil como uma forma de vivenciarem a vida missionária, assim como, por meio de seus trabalhos, oportunizarem educação e evangelização a pessoas que desconheciam os ensinamentos da doutrina católica.

A comitiva, composta pelas seis irmãs missionárias da Congregação das Franciscanas Imaculatinas, a Superiora Geral da Congregação, Frei Benjamim e outros frades Capuchinhos, partiram rumo ao porto de Nápoles, no dia três de dezembro de 1949, de onde seguiriam ao Brasil.

Em Nápoles, juntaram-se a esta comitiva o Frei Egídio e outros cinco frades. Desembarcaram no Rio de Janeiro no dia 19 de dezembro, e, antes que embarcassem para Jaguaquara, ficaram em

12 Entrevista concedida aos autores por Luiza Souza Gonzaga, (ex-freira franciscana imaculatina), Jaguaquara, 23 dezembro de 2021.

13 *Congregação das Franciscanas Imaculatinas, região do Brasil, contribuição histórica*. Salvador, Bahia 1974.

14 *Congregação das Franciscanas Imaculatinas, região do Brasil, contribuição histórica*. Salvador, Bahia 1974, p. 66.

Salvador por 13 dias no Colégio Santíssimo Sacramento com as Irmãs Sacramentinas¹⁵, enquanto Frei Egídio foi verificar as condições do município de Jaguaquara para receber as freiras.

Frei Egídio, ao chegar a Jaguaquara, convocou uma reunião entre o conselho paroquial e outras pessoas da cidade. Ali, mediante ao entusiasmo e disposição da sociedade de Jaguaquara em colaborar com a proposta, foi organizada uma comissão para se responsabilizar pelas providências necessárias.

Em uma entrevista concedida em vinte e nove de setembro de 1973, Dom Florêncio declarou: “Tendo encontrado grandes dificuldades em conseguir Irmãs na Bahia e no Brasil, pela carência delas e pela mentalidade da época, que levava as Instituições religiosas a viverem mais nas capitais ou grandes centros, solicitei a colaboração do zeloso missionário, Frei Egídio de Elcito, que, finalmente, conseguiu realizar as aspirações minhas e do povo”¹⁶.

Em uma carta do frei Benjamin e da irmã Maria Tereza Gnerre consta de forma romântica e idealizada o apoio oferecido às irmãs: “Caríssimas irmãs, ao chegarem, certamente bem cansadas, alegrem-se com essa carta, chegada, espero, mesmo antes de vós e vos acolha com os mais calorosos votos de boas-vindas. Desejaria estar aí, pessoalmente, para juntar minha alegria a alegria do povo jaguaquarense; manifesta- vos admiração, que do mais íntimo do meu ser sinto por vos, mensageiras de paz, amor, generosidade e heroísmo. “Tenho certeza de que o vosso exemplo conduzira ao sacrifício muitas pessoas e animará as vossas irmãs a serem mais fortes e perseverantes no serviço de Deus...”¹⁷.

O local de instalação da escola é conhecido como a pedra fundamental da cidade de Jaguaquara: a sede da fazenda Toca da Onça. Guilherme Martins do Eirado e Silva, proprietário da fazenda e fundador do município, doou a casa sede do lugar para que ali fosse implantada uma instituição educacional com princípios religiosos.

O colégio recebeu o nome de Luzia Silva, sendo uma homenagem póstuma a esposa do coronel Guilherme Martins do Eirado e Silva Silva. Segundo Farias (2005) Dona Luzia Silva era muito respeitada dentro do município por conta dos trabalhos filantrópicos e assistencialistas que promovia.

O Sr. Guilherme querendo colaborar, de modo concreto na realização do projeto de construção de uma instituição católica na cidade, havia prometido ao bispo de Amargosa e ao vigário da cidade que doaria para este fim a sua própria residência, a sede da fazenda Toca da Onça, à praça Dr. Seabra, com o terreno anexo.¹⁸

A escritura pública de doação da casa, onde foi instalada a escola, foi lavrada no dia vinte e seis de janeiro de 1952, mas antes, no mês de abril do ano de 1950 foram iniciadas as atividades escolares no local. No ato de doação, a Congregação das Franciscanas Imaculatinas, ali representada

15 Trata-se de uma ordem religiosa católica romana destinada a homens e mulheres dedicada à adoração do Santíssimo Sacramento. A Congregação foi fundada em Paris pelo marista francês São Pedro Julião Eymard, *o Apóstolo da Eucaristia*, em 1856, somente para homens. Em 1859 fundou a Liga Eucarística Popular. O ramo feminino da congregação foi fundado em 1864.

16 DOM FLORÊNCIO VIEIRA apud CONGREGAÇÃO..., 1974, p. 78

17 FREI BENJAMIN E MADRE MARIA TERESA GNERRE apud CONGREGAÇÃO..., 1974, p. 93

18 CONGREGAÇÃO..., 1974, p. 79.

pela irmã Madre Luizinha do Carmelo, receberia aquele terreno oficialmente, onde estavam descritas algumas condições, para a fundação do estabelecimento de ensino denominado Colégio Luzia Silva.

Em função do seu caráter de escola particular, grande parte das alunas vinha de classes sociais economicamente mais favorecidas. Se a ordem religiosa das Franciscanas Imaculatinas fosse removida de Jaguaquara, o terreno passaria a ser de outra ordem religiosa com as obrigações de manter os princípios estabelecidos na ata.¹⁹

Chegando a Jaguaquara, as freiras foram hospedadas em casas de famílias enquanto organizaram as adaptações necessárias na casa doada para instalação da escola, que funcionaria também como internato feminino, contribuindo, portanto, para a formação moral e educacional deste município.

Aptas para o magistério: o fazer professoral das alunas do Colégio Luzia Silva

O magistério foi a partir da segunda metade do século XIX, uma área profissional considerada como tipicamente feminina, pois a mulher professora com o instinto materno que lhe era peculiar seria a sujeita mais indicada para educar as crianças e conseqüentemente manter os padrões sociais patriarcais.

As mulheres passaram a atuar no campo educacional para atender a demanda pela alfabetização da sociedade brasileira, nesse sentido a viabilidade da criação de escolas especializadas para a formação de professoras foi assegurada. As escolas normais foram implantadas para garantir a formação de profissionais especializados na educação primária.

A respeito da criação de escolas normais destinadas a educação primária, Tanuri (2000) problematiza que:

A origem dessas escolas aqui no Brasil procede de elos mantidos com o processo de institucionalização da instrução pública no mundo moderno, isto é, com a implementação de ideias liberais de secularização e extensão do ensino primário a todas as camadas da população. Mas de fato, é com a adesão dos princípios da Revolução Francesa que se consolida a ideia de uma escola normal a cargo do estado destinada a formar professores leigos.²⁰

19 *Congregação das Franciscanas Imaculatinas, região do Brasil, contribuição histórica*. Salvador, Bahia 1974.

20 Leonor Maria Tanuri. *História da formação de professores*. Revista Brasileira de Educação. Mai/Jun/Jul/Ago 2000, nº 14.p.61-88.

Para a autora a extensão do ensino primário para todas as camadas da população significaria uma ambição do Estado em promover um projeto educacional em prol da população através da criação de instituições públicas.

A figura da professora, dentro das ambições da sociedade regida por órgãos conservadores como a Igreja, o Estado e as Elites, deveria ser o símbolo de boa conduta, de comedimento e de benevolência. A professora precisava ser uma figura respeitada socialmente, uma moça de família que garantiria que sua sala de aula fosse uma extensão do lar materno da criança.

É importante destacarmos que a escola normal preparava homens e mulheres para o exercício da docência, entretanto as atribuições do homem professor eram muito diferentes das atribuições da mulher professora. Dessa forma, podemos perceber como as hierarquizações de gênero estavam presentes no campo do magistério. Para Louro (2001):

Embora professores e professoras passem a compartilhar de uma vida pessoal modelar, estabelece-se expectativas e funções diferentes para eles e para elas: são incumbidos de tarefas de algum modo distintas separas por gênero (senhoras “honestas” e “prudentes” ensinam meninas, homens ensinam meninos), tratam saberes diferentes (os currículos e programas distinguem conhecimentos e habilidades adequados a eles e a elas), recebem salários diferentes, disciplinam de modo diverso seus estudantes, têm objetivos de formação diferentes e avaliam de formas distintas. (LOURO, 2001, p. 95-96).²¹

É importante destacar que a profissão docente seria de fato uma das restritíssimas opções de trabalho para a mulher. Como foi exposto anteriormente, a mulher ficou presa ao espaço doméstico e o fazer professoral nesse sentido as retiraria do universo privado colocando-as como agentes atuantes na construção da realidade social na qual estavam inseridas. A esse respeito, Louro (2001) coloca que:

As jovens normalistas, muitas delas atraídas para o magistério por necessidade, outras por ambicionarem ir além dos tradicionais espaços sociais e intelectuais, seriam também cercadas por restrições e cuidados para que sua profissionalização não se chocasse com sua feminilidade (LOURO, 2001, p. 453).

A relação de professoras primárias com as de mãe era uma questão muito presente no curso normal, tanto que o material utilizado na formação das futuras professoras trazia capítulos de

21 Guacira Lopes Louro. *Mulheres na sala de aula*. In: DEL PRIORE, Mary. (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. 5ª. ed. – São Paulo: Contexto, 2001.

orientação em seu ofício cotidiano com as crianças. Durante a preparação das moças, era instruído que a educação religiosa deveria acontecer com o auxílio da família e a professora primária deveria trabalhar em consonância com as famílias.

A história de formação de professoras primárias em Jaguaquara destaca profundas relações entre educação e sociedade, pois, a formação das jovens para o exercício do magistério foi uma iniciativa promovida pelos religiosos da cidade com o apoio incondicional das elites locais.

Um dos objetivos do colégio Luzia Silva era preparar as moças para o exercício do magistério. Como as jovens eram filhas de fazendeiros, comerciantes, funcionários públicos e pessoas que exerciam cargos políticos no município, consideramos que as alunas pertenciam à elite da região. Os pais investiam na educação de suas filhas para que elas arranjassem um bom casamento, o ser professora também era uma função que aquelas moças experienciaram após a formação no curso de magistério. A esse respeito, Dilábio (2021) afirma que:

Logo que eu me formei, já que eu tinha sido uma boa aluna, as irmãs me colocaram para dar aula no colégio. Elas me perguntaram assim: Dora, qual matéria que você gosta? Eu disse, eu gosto de geografia, então elas disseram, ah, vamos lhe dar geografia e vê se você fica com moral e cívica, que era uns assuntos assim, meio... Aí elas disseram para eu ficar tranquila que tinha o livro. Foi difícil, mas aí eu me casei e fiquei grávida, então eu achei que tinha que me empenhar mais nos cuidados da família, né? (DILÁBIO, 2021).²²

Esses valores eram perpassados para as jovens que acreditavam veementemente que o servir, que era próprio da natureza feminina, era sua missão por excelência. O ser professora, manifestação de uma moça bem-educada, poderia ser a garantia de um bom casamento com um companheiro de boa condição financeira e bem-educado ajudando assim na edificação de um modelo exemplar de família.

Ainda que na prática, as meninas acreditassem que sua missão primordial fosse o exercício da maternidade e a manutenção dos lares, à docência acabava sendo a opção de muitas que não se enxergavam limitadas ao espaço doméstico Sousa (2022) defende em seu depoimento que não tem profissão mais bonita e digna que a de professora. Ela relata que:

Eu penso que o ser professora é muito importante. A professora é a grande ajudadora para a vida, para enxergar a vida. O professor é uma luz... Eu alfabetizei uma boa parte das crianças do bairro casca em Jaguaquara naquela época. O colégio preparava a gente para dar aula no curso primário. A gente já saía estagiando e depois assumia uma turma.²³

22 Entrevista concedida aos autores por Dora Dilábio, (ex-aluna do Colégio Luzia Silva), Jaguaquara, 29 de dezembro de 2021.

23 Entrevista concedida aos autores por Anita Oliveira Sousa (ex-aluna do Colégio Luzia Silva), Jaguaquara, 26 de janeiro de 2022.

Podemos observar na fala da ex-aluna que o discurso difundido no colégio colocava o fazer professoral como uma missão de vida. As moças levaram consigo a certeza de que o ser professora simbolizava uma dádiva, um propósito de vida, uma função que exigiria delas primordialmente doação.

O ingresso no curso normal e a formação docente denotam que essas mulheres começaram a romper, ainda que gradativamente os padrões sociais tradicionais pré-estabelecidos em Jaguaquara. Se por um lado o ideal materno e familiar era colocado como escolha definitiva para essas moças, por outro a experiência docente nos mostra que naquela época, elas poderiam assumir funções profissionalizantes e remuneradas desde que elas não fugissem da órbita de suas “vocações naturais”.

Ainda que as mulheres buscassem promover uma ruptura dos padrões estabelecidos socialmente de qual era a obrigação da “moça de família”, o caminho para uma formação profissional apresentava-se de maneira muito restrita, principalmente para as moças que não tinham muitos recursos econômicos.

Além das desigualdades socioeconômicas, havia outros entraves no acesso feminino a escola. A divisão sexista era outro obstáculo que além de restringir o acesso feminino à educação, também limitava as mulheres no campo profissional hegemonicamente ocupado pelos homens.

O curso normal do Colégio Luzia Silva não foi oferecido em 1974 por questões não divulgadas. O ensino era bastante rigoroso, além das disciplinas, as alunas concluintes deveriam fazer o estágio em uma turma do primário, mas antes de assumir a regência da sala, havia o período de observação, onde a professora titular dava dicas para facilitar o trabalho das estagiárias. A esse respeito, Dora Dilábio relata o seguinte:

A gente tinha o momento de observação e depois conversávamos com a professora da classe. Tínhamos que preparar as aulas com a supervisão da nossa professora. A observação era um momento difícil para mim, mas quando eu comecei a dar aula, era pior ainda por conta da minha timidez. Porém com o tempo a gente vai se acostumando até que o medo diminui.²⁴

Ao analisarmos o depoimento da ex-aluna, fica evidente que o exercício do magistério não era algo inerente a condição feminina. Algumas moças concluíam o curso normal e assumiam as classes sem ao menos se acostumarem com a nova realidade. Muitas acabavam se afeiçoando à docência a partir do exercício cotidiano, o lidar com as crianças ou exercer uma função remunerada, outras não se adaptaram à profissão e fizeram a opção pelo trato com a família e com o lar.

24 DILÁBIO, 2021.

Considerações finais

Analisar as posições hierárquicas destinadas ao gênero e a dinâmica dos colégios confessionais católicos a partir do século XX através de uma educação atrelada a intensas relações de poder em especial a educação ofertada para as mulheres, nos mostra basicamente a herança cultural brasileira permeada pelos preceitos injustos do patriarcalismo.

A organização da rotina escolar produziu uma cultura sólida, articulada, intensa e complexa no cotidiano das sujeitas envolvidas no projeto pedagógico desenvolvido pela igreja com a participação direta do estado.

A proposta das instâncias do poder brasileiro segue com o objetivo de garantir ensinamentos não só cognitivos, mas prioritariamente voltados para a moralidade e para a cristandade. Esses ensinamentos nos mostram a face do tradicionalismo brasileiro que continua perpetuando-se durante o tempo e delineando valores histórico sociais que ainda estão em pauta na atualidade.

Dentro da perspectiva regional e local, percebemos as relações de gênero atreladas a vigilância e moralização do corpo feminino sendo propagadas no município de Jaguaquara no interior baiano através das práticas disciplinares desenvolvidas pelas freiras Franciscanas Imaculatinas no Colégio Luzia Silva.

Portanto, compreender a igreja e a escola como instituições que delineiam poder, nos garante promover através de uma análise crítica como esses espaços foram preponderantes para a manutenção de padrões socioculturais obsoletos que ainda continuam sendo defendidos e normatizados socialmente.